

A LINGUAGEM DOS BLOGS: UM GÊNERO TEXTUAL EMERGENTE

Edna Cristina S. Santos

Abstract

Adolescents all over the world have communicated with one another through the Internet by means of personal sites called Blogs, in which they say what they think and feel about life, and interact electronically with people from different places. This is a new mode of literacy which is leading adolescents to writing spontaneously about diverse topics. They use multimodal texts in which they integrate different types of semiosis. In this paper, we will examine the language of this new genre according to critical discourse analysis (Fairclough, 1992), genre analysis (Bakhtin, 1992) and systemic functional linguistics (Halliday, 1985).

Key words: Blogs, multimodal texts, genre, language functions.

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a examinar a linguagem dos *Blogs*, gênero discursivo que se constituiu recentemente no contexto da Internet, com base no modelo tridimensional do discurso (Fairclough, 1992), no conceito de gêneros do discurso de Bakhtin (1992) e na perspectiva funcional da linguagem de Halliday (1985). Os dados utilizados foram extraídos de diferentes *blogs* para verificar quais as características desses textos e se é possível encontrar padrões estruturais, funcionais e discursivos pressupostos na linguagem de seus autores.

O *blog*, que tem atraído principalmente os adolescentes, propicia uma interação virtual mediada por um suporte de alta tecnologia que fornece as ferramentas para a sua composição. Os adolescentes, freqüentemente acusados de não ter um bom relacionamento com a escrita, escrevem textos sobre diversos assuntos, os quais possuem estrutura e organização específicas em suas páginas particulares da Internet, expondo suas crenças e seus valores sobre a vida a qualquer momento, desde que tenham à

sua disposição um computador conectado à Internet. O estudo de textos produzidos por adolescentes fora do contexto educacional pode fundamentar reflexões sobre suas habilidades para a escrita e os recursos tecnológicos que mobilizam para construir textos significativos com propósitos culturais específicos, que se conformam às normas da vida social, e não àquelas das instituições educacionais.

A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM E OS GÊNEROS DO DISCURSO

Em suas reflexões sobre a linguagem e o discurso, Bakhtin define como objeto de seus estudos o princípio dialógico da linguagem, contrariando uma tradição de estudos lingüísticos que investigou as unidades mínimas da língua até a dimensão da frase. Concebe o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e a condição de construção do sentido no discurso, que se constrói entre interlocutores, que são seres sociais, e que mantém relação com outros discursos.

A concepção dialógica da linguagem bakhtiniana pode ser sintetizada nos seguintes aspectos: a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem; o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, isto é, constroem-se na produção e na interpretação de textos; a relação entre os interlocutores dá sentido ao texto e ao mesmo tempo constrói os próprios sujeitos produtores do texto; a noção de sujeito pressupõe dois tipos de sociabilidade, em que há relação entre sujeitos e dos sujeitos com a sociedade, visto que o homem é um ser social. A noção de sujeito de Bakhtin é a do sujeito social, que pertence a uma classe social na qual dialogam os diferentes discursos da sociedade. O dialogismo interacional proposto por Bakhtin desloca o conceito de sujeito como centro do sentido ao substituí-lo por diferentes vozes sociais que fazem dele um sujeito histórico e ideológico.

As relações do discurso com a enunciação, com o contexto sócio-histórico ou com o “outro” constituem relações entre discursos-enunciados. Sendo assim, a concepção de dialogismo define o texto como um tecido de muitas vozes (textos ou discursos) que se entrecruzam, respondem umas às outras ou criam polêmica no interior do texto. Os discursos revelam diversas vozes que mostram a visão de mundo e a ideologia das

classes sociais, marcadas por coerções sociais. Bakhtin não separa a ideologia da materialidade lingüística, visto que há relação entre a linguagem e as formas concretas de interação social.

Os variados modos de utilização da língua permeiam todas as esferas da atividade humana. Por meio de enunciados, expressamos nossas idéias, pensamentos, emoções, vontades e desempenhamos diversos papéis sociais. Os enunciados, ao mesmo tempo em que materializam a concretização da língua, carregam a visão de mundo de cada usuário, refletindo as condições e os objetivos do meio social no qual se inserem.

Para se comunicar, os usuários utilizam-se de enunciados que serão necessariamente marcados por aspectos sociais, históricos e temporais de seu meio. Os usuários não vão recriar a forma e o conteúdo de seu discurso toda vez que se comunicarem, visto que existem tipos de enunciados padronizados que são empregados em situações específicas. A estes tipos relativamente estáveis de enunciados, Bakhtin denominou gêneros do discurso. Assim como são heterogêneas as esferas sociais, heterogêneos e dinâmicos são também os gêneros discursivos realizados na sociedade.

Os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera da atividade humana. A escolha de um gênero discursivo é determinada pela finalidade da situação comunicativa, pela necessidade temática, pelo conjunto dos participantes e pela vontade enunciativa ou intenção do locutor. Cada um de nós dispõe de um rico repertório de gêneros discursivos cujo emprego adapta-se à situação concreta de comunicação. Numa perspectiva discursiva, os gêneros do discurso devem ser entendidos enquanto instituição discursiva, como forma codificada sócio-historicamente por uma determinada cultura e enquanto objeto material, isto é, materialidade lingüística que se manifesta em diferentes formas de textualização.

A enunciação e o enunciado constituem os aspectos essenciais na construção do sentido porque se compõem de traços históricos, sociais e temporais, que se manifestam na construção dos sujeitos. Isso ocorre porque a enunciação é o produto da interação social dos indivíduos, cujas palavras sempre se dirigem a um ou vários interlocutores.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de se dirige para

alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. (...) A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (Bakhtin, 1992)

Sendo assim, o significado das palavras está atrelado a uma situação concreta de uso da linguagem cuja significação é diferente a cada vez que se realiza, de acordo com o contexto sócio-histórico em que se situa o enunciado, que é o lugar da manifestação do sentido. Compreender os enunciados dos sujeitos significa estabelecer correspondência entre suas palavras, para formar uma réplica. Por isso a compreensão dos enunciados é uma forma de diálogo, já que compreender a palavra do locutor implica opor uma contra-palavra. A busca do sentido de um enunciado se realiza no processo dialógico de compreensão ativa e responsiva.

ESTRUTURA E FUNÇÃO DA LINGUAGEM

A linguagem se realiza por meio de funções, que são específicas de uma cultura, como meio de direcionar o comportamento das pessoas. Para explicar por que a estrutura da língua se organiza de uma maneira em vez de outra, é fundamental entrelaçar a análise das funções lingüísticas à análise das estruturas lingüísticas, visto que o sistema gramatical da língua está intimamente relacionado às necessidades pessoais e sociais que a língua precisa satisfazer.

Nesse sentido, Halliday (1985) distingue três funções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. Na *função ideacional*, que se refere ao significado proposicional das orações e compreende o sistema de transitividade, a linguagem serve para a expressão da experiência do falante, incluindo a sua própria consciência. Ao cumprir essa função, a linguagem estrutura a experiência e contribui para determinar nossa visão do mundo. A *função interpessoal* se refere ao modo e à modalidade (as diferenças entre os enunciados, como perguntas e ordens, por exemplo), segundo a qual a linguagem serve para estabelecer e manter relações sociais, expressar os papéis sociais e fazer coisas. Ao permitir a interação, a linguagem também serve para a expressão e desenvolvimento da personalidade do indivíduo. A *função textu-*

al, que se refere à maneira como a estrutura gramatical e a estrutura de entonação das orações se relacionam nos textos, permite às pessoas construir textos vinculados à situação. Um dos aspectos da função textual é o estabelecimento das relações de coesão entre as orações, dado que um texto não é um conjunto de orações aleatórias. Como veremos a seguir, todas essas funções se refletem na estrutura da oração.

Usamos a língua para representar nossa experiência referente a processos, pessoas, objetos, abstrações, estados e relações entre o mundo que nos cerca e o nosso mundo interior. Em qualquer língua se distingue um grande número de processos diferentes, e a gramática de cada língua compreende conjuntos de opções que representam grandes categorias dessa classe. O modelo mais conhecido agrupa os processos segundo o sistema de transitividade, que apresenta um certo número de funções e papéis: processos, geralmente representados pelo verbo; funções participantes (agente, meta/paciente, beneficiário, instrumento) e funções circunstanciais, tais como tempo, lugar e maneira. A transitividade pode realizar-se de várias formas, como ocorre com a distinção entre as orações ativas e passivas, por exemplo. O sistema de vozes verbais – ativa, passiva e reflexiva – relaciona-se aos papéis de agente e meta, que constituem os elementos essenciais da estrutura de transitividade cujos papéis são associados a processos. A passiva é um meio de atribuir relevância ao elemento introduzido pela preposição ‘por’ como foco da informação.

Uma das funções da linguagem consiste em prover os meios para a interação entre os indivíduos, permitindo a expressão de posições sociais, atitudes individuais e sociais, valores, juízos, etc. A linguagem define os papéis que os indivíduos podem assumir em situações comunicativas. Assim, a função múltipla da linguagem tem reflexo na estrutura lingüística. Como emissores e receptores, estabelecemos comunicação e interação através da linguagem.

A CONCEPÇÃO TRIDIMENSIONAL DO DISCURSO

Fairclough (1992) concebe a noção de ‘discurso’ em um modelo tridimensional como texto, prática discursiva e prática social, para investigar a mudança discursiva em sua relação com a mudança social e cultural.

Refere-se ao uso de linguagem como forma de prática social. Discurso é tanto um modo de agir sobre o mundo e os outros, como um modo de representação. Em outras palavras, o discurso é uma prática de significação do mundo, pois constitui e constrói o mundo em significado. Essa noção implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, isto é, tanto o discurso contribui para a constituição das dimensões da estrutura social como é moldado e restringido por ela. O discurso como prática política e ideológica estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas, como também constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Assim, diferentes tipos de discursos podem ser investidos política e ideologicamente em diferentes instituições. Para Fairclough (1992), toda oração é multifuncional, constituindo-se em uma combinação de significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais, baseando-se, nesse aspecto, na gramática sistêmico-funcional de Halliday (1985).

Neste trabalho, será focalizada a modalidade, uma propriedade analítica dos textos ligada à função interpessoal da linguagem e aos significados interpessoais, que se ligam às formas como as relações sociais e as identidades são construídas, reproduzidas, contestadas e reestruturadas no discurso. Tradicionalmente, a modalidade na gramática associa-se ao uso dos verbos auxiliares modais 'poder' e 'dever'. Entretanto, segundo Halliday (1985) e Hodge e Kress (1988), além dos auxiliares modais, o tempo verbal, os advérbios modais como *provavelmente*, *possivelmente*, *obviamente*, *definitivamente* e seus adjetivos equivalentes (*é provável*, *é possível*), expressões indeterminadas como *uma espécie de*, *um pouco*, fala hesitante são aspectos da modalidade. A modalidade pode ser subjetiva, se o grau de afinidade está explícito (*penso*, *suspeito*, *duvido* que houve um assalto), ou objetiva, se a base subjetiva estiver implícita (*pode ter acontecido/provavelmente aconteceu um assalto*). Na modalidade subjetiva, o grau de afinidade do falante em relação a uma preposição está expresso; quanto à modalidade objetiva, não fica claro que ponto de vista está sendo representado, se o do próprio falante como sendo universal ou se está apenas transmitindo ponto de vista de outrem. A modalidade objetiva pode implicar uma forma de poder. Na modalidade, os produtores expressam comprometimento ou engajamento em relação a suas proposições na interação com outras pessoas, revelando afinidade ou solidariedade com

seus interlocutores. Nesse sentido, a modalidade é a intersecção entre as funções ideacional e interpessoal da linguagem. Não se trata apenas de um conjunto de escolhas disponíveis para os falantes registrarem graus de afinidade, mas a extensão com que práticas de modalidade são impostas às pessoas em discursos particulares.

Outra propriedade analítica de textos que será focalizada neste trabalho refere-se à transitividade, ligada à função ideacional da linguagem e à construção da realidade social, e à coesão textual e argumentação, ligadas à função textual, segundo Halliday (1985). A análise dos mecanismos coesivos dos textos revela seu modo de argumentação e de racionalidade, sendo distintos nos diferentes gêneros discursivos, que apresentam formas de relação inter-oracional específicas que podem revelar significados culturais e ideológicos. A análise da coesão focaliza as relações funcionais entre as orações e pode indicar as estruturas prototípicas dos textos (Adam, 1991). Halliday (1985) apresenta alguns tipos de relação funcional entre as orações, distinguindo três tipos principais de relações: elaboração (uma oração ou período especifica ou descreve outra oração), extensão (relação de adição – *e, além disso*, etc. –, de oposição ou contraste – *mas, porém, contudo*, etc. – e realce (relações temporais, causais, condicionais, espaciais, condicionais e comparações). É importante verificar em que medida essas relações são explicitadas ou não no texto, para reconhecer que há diferenças significativas entre os diversos textos pelos tipos de marcadores coesivos que eles apresentam. De acordo com Halliday (1985), os principais mecanismos coesivos são realizados pela referência (relações endofóricas – anáfora e catáfora – e relações exofóricas), explicitadas por meio de pronomes pessoais, demonstrativos, artigos, advérbios), elipse (marcada por desinências verbais ou palavras que substituem partes do texto), conjunção (emprego de conjunções, expressões conjuntivas, palavras de transição) e coesão lexical (repetição de palavras, sinônimos e hipônimos, palavras de mesmo domínio semântico). Sendo a coesão um fator na coerência, os marcadores coesivos precisam ser interpretados como parte do processo de construção de leituras coerentes por meio dos quais os produtores posicionam os leitores/ouvintes como sujeitos. Nesse sentido, a dinâmica da coesão pode ser considerada de modo significativo e ideológico na análise de textos.

A LINGUAGEM DOS BLOGS

O *Blog* é um gênero discursivo que se constituiu recentemente no contexto da Internet. Constitui-se de uma página pessoal de domínio público em que as pessoas compartilham breves relatos sobre fatos do cotidiano, geralmente apresentados cronologicamente e com a utilização de pequenos parágrafos. Os *blogs* abrangem uma infinidade de temas que vão desde diários, piadas, *links*, notícias, poesia, idéias, fotografias, músicas, charges, desenhos, enfim, tudo o que a imaginação do autor permitir. Ter um *blog* significa estar em contato permanente com toda a rede de internautas e prevê o recebimento de comentários dos que acessam seus escritos. Vários *blogs* são pessoais, cujos autores exprimem suas idéias e seus sentimentos sobre qualquer assunto, podendo também ser produto da colaboração de um grupo de pessoas. Podem voltar-se para a diversão, para o trabalho, ou serem uma mescla de ambos, constituindo-se em uma forma de comunicação organizada entre familiares, amigos, grupos de trabalhos e desconhecidos. Os *blogs* são editados por meio de gerenciadores que, além de hospedá-los automaticamente na rede por meio de uma interface compatível com o navegador do usuário, fornece as ferramentas necessárias para a composição e atualização das páginas sem necessidade de instalar programas por meio de formatos prontos disponíveis na biblioteca de estilos, bastando para isso utilizar corretamente determinados comandos.

Aleatoriamente foram escolhidos sete textos (em anexo) extraídos de *blogs* diferentes para serem examinados à luz da perspectiva funcionalista e discursiva da linguagem. Esses textos caracterizam-se por apresentarem estrutura narrativa e fornecerem relatos sobre fatos ocorridos, pensamentos e reflexões do cotidiano. Alguns são multimodais (os textos 1,2 e 4), porque combinam texto com imagem e promovem o destaque de palavras ou expressões com o uso de letras maiores, em negrito e em itálico (recursos típicos dos processadores de texto). Segundo Gunther Kress (1996), atualmente a informação é transmitida diferentemente pela instância de um novo código que associa texto e imagem, sobretudo nos contextos de informação tecnológica, em que as modalidades visual e verbal distinguem-se em suas possibilidades de representação do mundo. No texto 1, ao selecionar a figura do cantor e compositor Ed Motta, a qual transmite seriedade e reflexão,

o autor buscou legitimar seu ponto de vista, coerente com a fala que lhe é atribuída: “*Eu percebi que a vida é muito mais que vencer...*”. O uso da imagem e da diferenciação do tamanho da letra e da cor para o trecho inicial da citação constitui uma estratégia argumentativa eficiente porque reforça o ponto de vista do autor, que o projeta como se fosse universal e inquestionável.

O ponto de vista do autor está representado formalmente pelo tema, estrutura que serve como ponto de partida da mensagem e se realiza na primeira posição da oração, sendo nesse caso constituído de estruturas complexas porque compreende uma seqüência de orações adverbiais temporais por meio das quais o autor chama o ouvinte para uma reflexão. Na estrutura informacional desse texto, a informação nova está representada pela fala de Ed Motta, destacada pelos recursos visuais de cor e tamanho da letra. É interessante notar que, ao colocar em letras maiores a primeira parte da fala de Ed Motta, o autor deixa claro que seus argumentos são válidos porque estão de acordo com o que o músico pensa e, com isso, espera que o leitor comungue das mesmas idéias. As estruturas selecionadas como tema – as orações adverbiais temporais – revelam que o autor atribui valor negativo à correria do dia-a-dia e à competição entre as pessoas, associando essa idéia à busca pelo sucesso quando afirma que “*a vida é muito mais que vencer*”. No entanto, não faz alusão ao que ultrapassa essas questões, atribuindo ao leitor essa tarefa. Dessa maneira, posiciona-se como um sujeito que interpela e aconselha o leitor, a quem cabe fazer a reflexão e encontrar respostas. Se o leitor perceber a artimanha do autor, então poderá questioná-lo. Uma vez que a oração representa a experiência humana em termos de processos, participantes (agente e meta) e circunstâncias, como tempo e lugar, a percepção da estrutura temática do texto, que sempre vai conter um desses elementos experienciais, permite desvelar os significados ideológicos inscritos no texto.

Os textos 2,4 e 7 apresentam estrutura seqüencial narrativa, de acordo com Adam (1991), para quem a competência lingüística dos sujeitos se estende além dos limites da frase em direção à noção de gêneros discursivos – tipos de enunciados relativamente estáveis que tornam possível a troca verbal (Bakhtin, 1997). Para Adam, certas categorias estruturais prototípicas fundamentam toda composição textual, considerado enquanto seqüência lingüística. Propõe cinco tipos de estruturas seqüenciais básicas: narração,

descrição, argumentação, explicação e diálogo. A estrutura seqüencial narrativa, objeto desse estudo, define-se como seqüência de proposições interligadas que se dirigem a um fim, reunindo seis constituintes: pelo menos um ator antropomorfo constante para garantir a unidade de ação; passagem de um estado a outro através de uma série de acontecimentos encadeados; sucessão mínima de acontecimentos no tempo; um processo de intriga com a integração dos fatos; causalidade narrativa; avaliação final explícita (moral). Halliday (1985) analisa alguns tipos de relação entre as orações, distinguindo três tipos principais: elaboração (em que uma oração ou período especifica ou descreve outra oração); extensão (em que uma oração expande o sentido de outra por acréscimo de algo novo em relações aditivas, adversativas ou alternância); e realce (em que uma oração realça o significado de outra por referência ao tempo, ao lugar, ao modo, à causa, à condição e à comparação). Os textos diferem quanto à explicitação dessas relações por seus marcadores.

No texto 2, a mensagem é transmitida simultaneamente pela escrita e pelas imagens, sendo representada diferentemente pelas duas modalidades de maneira integrada. Os desenhos retratam os dois momentos da narrativa: no primeiro, o moleque que roubou um mamão é impedido de fugir ao ser pego pelo narrador-personagem; e no segundo momento, o narrador faz sua reflexão sobre o episódio. De acordo com Kress (1996), a modalidade visual permite ao autor do texto veicular significados ideológicos, os quais são confirmados pela escrita. Nessa narrativa, a análise coesiva dos termos que retomam ‘moleque’ – ‘pivete’, ‘esse aí’, ‘não tem mais jeito’, ‘bandido’ – já sinaliza uma tendência do autor em considerar que o moleque não tem recuperação e, dessa forma, representa a ideologia das classes dominantes, para quem a violência é decorrente da pobreza, que não tem solução mesmo, e não da falta de programas e ações político-sociais que, para serem implementados, requerem o questionamento das relações de poder. A reflexão do autor no parágrafo final é marcada pela hesitação, realizada por meio do emprego de expressões adverbiais em posição temática, de orações transitivas marcando processos de ação e processos relacionais entre os participantes e pelo uso das reticências, que marcam a fragmentação do raciocínio, típica do conflito de idéias demonstrado pelo autor no final do

texto e evidência de pouco engajamento do autor em relação à situação que expõe (modalidade objetiva). Nesse sentido, a modalidade constitui-se como intersecção entre as funções ideacional e interpessoal da linguagem porque, além de oferecer um conjunto de escolhas para os falantes registrarem graus de afinidade, comprometimento e solidariedade em relação a suas proposições, mostra como práticas de modalidade são impostas às pessoas em seus discursos.

Os textos 3, 5 e 6 são seqüências narrativas que apresentam características formais similares quanto à sua estrutura temática e informacional, por meio das quais revelam processos de ação e relacionais entre os participantes. Seus autores colocam em primeiro plano pensamentos atrelados às suas experiências cotidianas em textos curtos que tratam de temas diversos estruturados em parágrafos diferentes. Os tempos verbais mais utilizados referem-se ao passado – pretérito perfeito e imperfeito – porque caracterizam os textos narrativos, que tratam do mundo narrado. O presente do indicativo, típico em textos argumentativos para exprimir engajamento, é utilizado com freqüência em textos narrativos constituindo o que Weinrich (1973) denomina metáfora temporal, para manifestar atitudes ilocucionais na enunciação e engajamento do autor com suas proposições, o que caracteriza a modalidade subjetiva, explicitada no uso da primeira pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos veiculados em *Blogs* inserem-se em uma prática social de utilização da linguagem escrita mediada pelo uso do computador e associada ao domínio da vida privada. As pessoas que se utilizam desse gênero discursivo conectam-se a outras, desconhecidas em sua maioria, e compartilham o fato de participar de um mesmo domínio público, a Internet, para escreverem sobre si e assim revelarem ao mundo seus valores, atitudes, sentimentos, ideologias e identidades sociais.

O *Blog*, gênero novo e híbrido, surgiu motivado por novas formas de comunicação e interação propiciadas pela Internet, integrando vários tipos de semioses como signos verbais, sons, imagens e formas que se movimentam, bastante exploradas pelos usuários. A integração das perspectivas sistêmico-funcional e discursiva para análise dos textos veicula-

dos nos *Blogs* permite-nos verificar que o estudo desse gênero discursivo contribui para propiciar um maior grau de domínio pelos participantes envolvidos nesse tipo de interação e para problematizar as transformações que estão ocorrendo na construção de identidades possibilitadas por essa ferramenta, visto que, ao usarmos a língua, expressamos nossas experiências e percepções de mundo e interagimos com outras pessoas em contextos sociais específicos. Sempre que nos comunicamos e interagimos, desempenhamos as metafunções da linguagem simultaneamente. Não há como escapar disso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brandão, H. N. *et al. Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.

Eggin, S. & J. R. Martin. Gêneros y registros del discurso. In: *El discurso como estructura y proceso*. Barcelona: Gedisa, 2000, p. 335-371.

Fairclough, N. *Discurso e mudança social*. Coord. trad. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. (Original: *Discourse and social change*, 1992).

Halliday, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2ª ed. London, New York, Sydney, Aucland: Arnold, 1994.

———. Estrutura y funcion del language. In: J. Lyons (ed.). *Nuevos horizontes em la lingüística*. Madrid: Alianza, 1975, p. 145-173.

———. The place of ‘functional sentence perspective’ in the system of linguistic description. In: *Paper on functional perspective*. F. Danes (ed.). Praga: Academy Publishing House, 1974. p. 43-53.

Kress, G. Multimodal texts and critical discourse analysis. In: E. R. Pedro (ed.) *Discourse analysis: proceedings of the First International Conference on Discourse Analysis*. Portugal: University of Lisbon, 1996.

Vian, J. R. O. Sobre o conceito de gêneros do discurso: diálogos entre Bakhtin e a lingüística sistêmico-funcional. In: B. Brait (org.) *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes; São Paulo, Fapesp, 2001, p. 147-161.

Weinrich, H. *Les temps – Lê récit et le commentaire*. Paris: Seuil, 1973.